

Sarney mudará ministério em fevereiro

O Governo está ciente de que a desincompatibilização será de nove meses

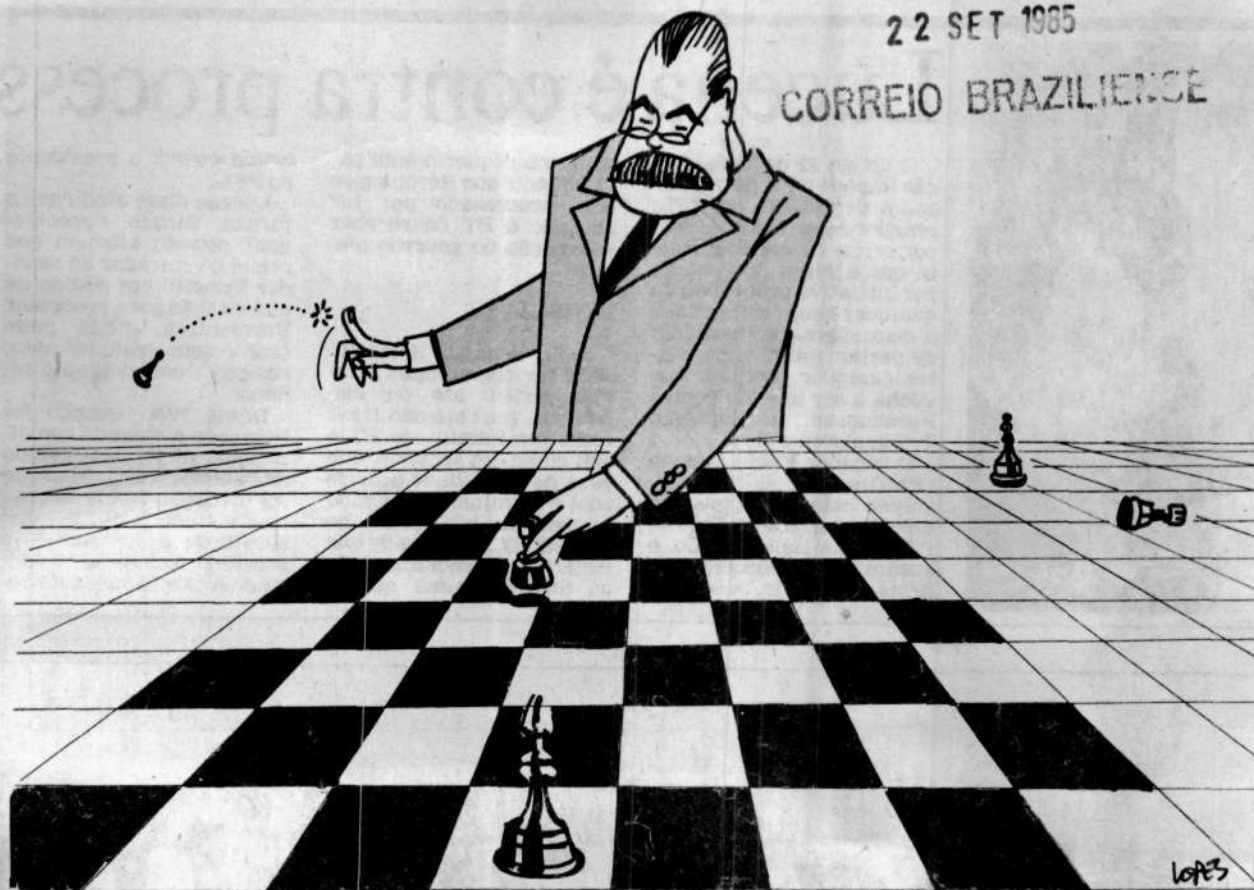
RUY FABIANO
Da Editoria de Política

A reforma do ministério já tem data: fevereiro de 86. O Governo está convencido de que a emenda constitucional que amplia para um ano o prazo de desincompatibilização será negociada no Congresso para nove meses. Com isso, os atuais ministros que queiram candidatar-se em novembro de 86 terão de deixar o ministério em março. Um mês antes, porém, seus cargos já estarão sendo negociados politicamente pelo Governo, dentro de uma nova realidade partidária. A revelação foi feita pelo presidente José Sarney, em recente conversa com um senador nordestino que acaba de se desligar do PDS.

A esse mesmo interlocutor, Sarney reconheceu que a base parlamentar do Governo está deteriorada. A recente greve dos bancários serviu para mostrar a fragilidade da Aliança Democrática, cuja implosão, previsível, foi antecipada pela disputa eleitoral nas Capitais. O presidente, nessa conversa, explicou por que não mexe agora no ministério: o resultado das eleições municipais lhe fornecerá novo mapa político-partidário do País. De qualquer forma, ele está certo de que a nova Aliança Democrática terá novos sócios, além de PMDB e PFL. Pelo menos um ele já cita: o PTB.

A anunciada neutralidade presidencial em face do presente pleito é relativa. Em pelo menos duas capitais, Rio e São Paulo, ele tem candidato: Rubem Medina (Rio) e Fernando Henrique Cardoso (São Paulo). Na verdade, ele aposta nesses dois contra dois fantasmas cuja vitória perturbaria o futuro de seu Governo: o brizolista Roberto Saturnino e Jânio Quadros. O êxito de qualquer dos dois tornaria inevitável a precipitação de debate de sua própria sucessão. E esse é um tema que provoca calafrios no Presidente.

O interlocutor do Presidente registrou o entusiasmo com que falou do PTB. Deixou claro que pretende abrir uma vaga no primeiro escalão para os trabalhistas. Para tanto, disse ele, "basta que o partido se credencie e coopte quadros". Pelo menos uma adesão desse porte está a caminho: o senador Albano Franco, do PDS de Sergipe.



O Presidente espera o novo mapa político-partidário do País para mexer no ministério

Quanto ao PDS, Sarney não crê que venha a superar suas contradições internas e credenciar-se a ocupar o espaço de oposição a seu Governo. O partido da Velha República deve esvaziar-se progressivamente, engordando preferencialmente as fileiras do PTB. Ou, ainda, produzindo uma nova legenda. Sarney mantém contatos frequentes com os chamados "chapas brancas" do PDS — a facção que se recusa a adotar um comportamento oposicionista, como querem os malufistas. Entre estes, destaca-se o senador Luiz Viana Filho (BA). Ele só não ingressa no PTB por uma razão: o seu arquimigo Antônio Carlos galhães antecipou-se e colocou seus aliados balanos no comando do partido.

DIREITA VOLVER

É certo, porém, que a Nova Aliança Democrática, a ser construída após as eleições deste ano, será mais conservadora. O Governo está certo de que as esquerdas terão um desempenho eleitoral precário, o que as esvaziará substancialmente. "O PMDB assumirá, enfim, sua vocação de UDN dos novos tempos", avalia o interlocutor do presidente. "O PFL será uma espécie de partido nordestino, com presença forte no eixo Rio-São Paulo-Minas. Ocupará o espaço que o extinto PP não conseguiu. E o PTB será o grande instrumento de massas do Governo, uma espécie de biombo entre o centro e a esquerda, que permitirá esvaziar a ação dos partidos ideológi-

cos", raciocina o senador.

Segundo sua avaliação, o Presidente decepcionou-se fortemente com o comportamento de seus ditos aliados por ocasião da greve dos bancários. No ministério, surpreendeu-se com a postura do ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto.

Ele recusou-se a ir além do reconhecimento do estado de greve, negando-se mesmo a racionar com a hipótese de intervenção nos sindicatos mais radicais, caso o movimento adquirisse conotações de confronto. Felizmente, o desfecho foi pacífico, mas Sarney — ainda segundo avaliação de seu interlocutor — "pode verificar até onde val a lealdade de seu auxiliar".

Pazzianotto, ex-advogado sindical, é candidato no próximo ano, em São Paulo, a uma cadeira à Constituinte ou ao Governo do Estado. E sua base eleitoral são justamente os sindicatos. Entre os interesses do candidato e os do ministro, ele optou pelo segundo".

MINISTÉRIO

Sarney deixou claro ao seu interlocutor que pretende moldar o seu futuro ministério a partir de critérios inteiramente distintos dos que orientaram Tancredo. "O atual ministério

contemplou o resultado do Colégio Eleitoral. O futuro ministério refletirá um novo processo, já purificado da salada ideológica que caracteriza o atual", observa o senador. Segundo ele deduziu da conversa com o Presidente, há personagens no primeiro escalão sem dimensão política, colocados ali justamente porque Tancredo pretendia dirigir pessoalmente aquelas pastas. Quais são essas pastas, não foi dito. Mas não é difícil imaginar.

O certo é que, tirando-se as pastas militares — SNI, Exército, Marinha, Aeronáutica, EMFA e Gabinete Militar —, todas as outras estão a prêmio. O outrora todo-poderoso ministro do Planejamento João Sayad, por exemplo, está hoje em situação frágil. O mesmo lobby que derrubou Francisco Dornelles da Fazenda volta-se hoje contra ele. E uma briga antiga: de um lado, o empresariado paulista — que sustenta Dilson Funaro —, do outro os chamados "Geconomistas do PMDB", basicamente a comunidade acadêmica da Unicamp, que sustenta posições estatizantes e apóla Sayad. O lobby está em curso. E, se chegar a dimensões expressivas, não há dúvidas: Sarney sempre identificou-se com a chamada burguesia paulista. Isto é, o pessoal de Funaro.